

# *À medida que os olhos transpassam*



*À medida que os olhos transpassam* – Andrei Ferreira

**Biografia do autor:** Aluno da Licenciatura em Letras: Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Andrei Ferreira é autor de *Entre uns e outros trapos* (2016) e *A queda da asa e outras penas* (2017), livros de ficção publicados pela Editora Multifoco. Em 2014, teve seu conto “Um dilema que se desfez” como finalista do II Concurso Literário Cesgranrio, em homenagem ao centenário de Vinícius de Moraes.

**Resumo do texto:** Conto sobre relação entre mãe e filho.

## Capítulo 1



Ela era jovem; seus longos cabelos castanhos, fortemente ondulados, escorriam até o cinto branco que circundava seu vestido preto. Ela era jovem e queria ser mãe; não porque lhe disseram que ser mãe era a sua função primordial em vida, conforme esperavam das mulheres; não, não por isso. Ela queria ser mãe, e isso era parte de sua independência. Ela tinha pai e mãe faltosos – não por displicência ou por não saberem dar carinho – faltavam simplesmente porque tanto o pai quanto a mãe precisavam se ocupar para sustentar a casa, enquanto ela, ainda jovem, buscava no mundo oportunidades de ser.

Ela queria ser alguém; ela queria ser sua; ela queria ter força; e queria ser mãe.

Queria tanto ser mãe, que para o posto de pai importava apenas que ela aprovasse o sexo. Não queria depender de ninguém, pois ela sentia que isso talvez a privasse de ser mãe por completo, com tudo quanto ela tinha guardado dentro de si para doar à criança que lhe viesse como filha.

Não era incomum – tampouco surpreendente – alcançarem-lhe, sono após sono, ou devaneio após devaneio, sonhos nos quais ela, tão jovem, seus cabelos castanhos à cintura, segurava um bebê de cabelos igualmente castanhos e olhos apaixonados, ligados aos dela por uma ponte que só ela e o bebê sabiam criar, ainda que todos à sua volta, mesmo que não vissem tal ponte, soubessem que existia. Eram esses sonhos que a mantinham no mundo, querendo vivê-lo. Neles, ela era mãe – e, por se ver mãe em sua plenitude, sabia que tinha conseguido tudo o que lhe poderia importar: sua força, sua independência, seu conhecimento sobre si mesma – projetado no bebê e dele emanado.

Ela não era mãe ainda – ao menos, ainda não o era em mundo palpável – simplesmente porque ainda não esbarrara com sexo que a interessasse. Passaram homens e outros homens e homens diversos, mas nenhum de seus sexos lhe fora suficientemente caro. Ainda que não se incomodasse em continuar experimentando sexos – pois deles ela gostava – a jovem de longos cabelos castanhos e ondulados cogitou acolher uma criança que não tivesse saído de seu ventre; mas seus pais não lhe permitiriam fazê-lo. Eles, na verdade, não sabiam do seu desejo de ser mãe – e, se soubessem, não o aprovariam – ao menos, não da forma como ela desejava, pois não fazia questão de se casar. Como o mundo não a queria empregar, ela dependeria de seus pais – não para ser mãe, mas para que a criança pudesse ser criança.

Ela precisava de mais sexos, pois.

Eventualmente, numa noite sabe-se-lá-qual, numa cama sabe-se-lá-onde, fez-se um sexo que a tocou no ponto onde deveria, e aquele homem seria o pai. Pelo que dizia, ele também queria ser.

À medida que se davam aos seus tantos sexos, ela e ele se conheciam pouco a pouco. Ela lhe contava sobre sua vontade de ser mãe, sobre sua necessidade de ser, sobre a força que de seu peito sentia querer explodir, mas algo ainda a prendia; ele lhe contava sobre sua vontade de ser pai, sobre sua necessidade de ser em viagens, sobre a talvez – mas apenas talvez, ele dizia – poética inconstância que lhe contornava o peito. Inconstante que pudesse ser, garantiu-lhe amor, e ela o tomou como fato por alguns anos, após se casarem.

Casou-se grávida, sem que seus pais soubessem da gravidez. Ela sabia, é verdade; se buscassem evidências, não haveria; mas ela sabia, pois seu peito pulsava forte e ela se percebia mais. Casou-se grávida e pelos meses seguintes – longos, ansiosos e de preparação para um vida enfim plena – cresceu mãe.

Quando mãe pôde ser, de seu peito pulou força! – força e felicidade e um gosto de plenitude.

Nos seus braços, um bebê: um menino de cabelos (quantos!) castanhos; um menino, seu filho, cujos olhos apaixonadamente se ligavam aos dela, por meio de uma ponte que eles criaram, admirada por todos à sua volta.

Ela era jovem, de longos cabelos castanhos, e era mãe enfim. Era mãe – e poderia ser tudo, se já não o fosse! E ele, parte de tudo quanto era dela, era seu filho!

Nos anos que se passaram – nesses em que ela ainda tomava como fato o amor que o pai de seu filho dizia ter – ela e o filho puderam se conhecer tanto quanto sonharam, ela em vida, ele no mundo que ela criara para os dois em seus sonhos. Conheceram-se ainda mais, porque o pai da criança era o único que trabalhava; ela quis trabalhar também, mas, pelo que ele disse, ela deveria ficar com o filho. Incomodada – pois ocasionalmente se lembrava da inconstância do esposo – ela aceitava e aproveitava sua plenitude com seu bebê – agora criança – de olhos apaixonados e cabelos castanhos.

Um dia, porém, tomada por uma advertência em seu peito, vestiu-se para procurar emprego, mas seu esposo a barrou – a negou – a empurrou – a despiu – e a diminuiu. Ela se encolheu e foi buscar paz na ponte que ligava os seus olhos aos do seu filho.

No dia seguinte, o homem disse ter tirado férias, arrumou tantas malas, arrastou a jovem mãe com seu filho no colo, e foram todos para a estação de trem.

O esposo pediu que ela e a criança esperassem na plataforma, a fim de que ele tivesse espaço para arrumar as malas. Ela e seu filho esperaram, enquanto ela olhava para uma mulher de cabelos negros ao seu lado que chorava sozinha, joelhos ao chão. Minutos depois, voltou o esposo da jovem de cabelos castanhos e lhe tomou a criança dos braços. Disse, então, à jovem mãe: “Você fica aqui”, e se virou em direção ao trem, cujo apito já gritava sua partida. A mãe entendeu o que se passaria e puxou seu ex-esposo pela camisa; ele lhe berrou que eram só duas passagens porque ela o irritara, e ela, em valentia, lhe berrou que usasse apenas uma, porque a criança ficaria. Berrou-lhe isso por quase um minuto, durante o qual o homem quis fugir, mas se deteve, constrangido. Cansado, portanto, deu no rosto da jovem mãe e devolveu-lhe a criança, dizendo: “Pois tome e me deixe.”

Ela, com seu filho no colo, se ajoelhou entre lágrimas.

Seus pais não a aceitaram de volta. Ela, filha de bom coração, acreditou não ser por maldade, mas simplesmente porque eles não poderiam custear dois outros moradores – seus pais já estavam bastante idosos, cansados e desempregados. Foi então à busca de alguém que lhe pagasse, mas ninguém a quis tomar por trabalhadora, pois era mãe sem esposo. E, por alguns meses, tiveram de viver sob racionalização de comida, que eventualmente acabaria.

Antes de a comida se esgotar, no entanto, a jovem de longos cabelos negros e ondulados, reconhecendo-se mãe, olhou para o seu filho e se pôs a chorar, pois percebera que a ponte entre os seus olhos precisaria se partir. Ela, que já tinha vendido todas as suas próprias roupas, exceto a do corpo, para conseguir um pouco mais de comida, pôs

o menino nas melhores vestes que tinha – um macacão marrom, sobre uma branca camisa de botão, e um sapato preto – e parou com ele em frente a um espelho, suas mãos em elo. Ela se olhou, entre lágrimas de ponte partida, e ainda se viu mãe, mas uma mãe que não era mais plena; olhou, então, para seu filho através do espelho e sorriu, pois ele, pouco ciente do que aconteceria, sorria para ela.

Os dois – ela, em agonia determinada; ele, com suas pequenas pernas tentando seguir os passos da mãe – saíram pelas ruas em certa tarde de folhas mortas, a mão dela na dele.

Ela, que pôde ler em uma parede “Orfanato” (do que ele não se deu conta, pois ainda não sabia ler), bateu à porta e esperou que a atendessem. Quem o fez foi uma senhora bastante idosa, mas repleta de vida; seus cabelos, cinza claro e curtos, levavam a dois olhos negros – tão negros quanto talvez tivessem sido seus cabelos em sua juventude. A senhora sorriu, seus olhos brilhando; a jovem mãe sorriu de volta, mas pôs-se novamente de joelhos, pois estes já estavam muito fracos. E sorrindo, chorou – abraçou seu filho, que não entendia; beijou-o; disse-lhe que o amava, ao que ele respondeu: “Também, mamãe”; deu-lhe adeus, e a senhora de belo sorriso e cabelos cinza abaixou para dizer ao menino: “Olá, meu querido, muito prazer em conhecê-lo. Venha aqui dentro, tenho um chocolate para você”. Ele olhou para sua mãe, esperando aprovação, que logo ela concedeu, olhando para seu filho com um sorriso e lágrimas nos olhos. Seus olhos vacilavam.

O menino acompanhou a senhora orfanato adentro. A porta se fechou para se abrir apenas horas depois, quando aquela mãe não mais estivesse lá – pois já era vez de outra mãe dar por quebrada a ponte que havia entre os olhos de sua criança e os seus próprios.

Aquela jovem mãe de cabelos longos e castanhos, logo após a porta ter se fechado, correu o máximo que pôde, contornando o quarteirão e esperando encontrar alguma janela através da qual pudesse olhar, uma última vez, para aquele menino que a fizera plena. Mas não achou.

Achou uma mata, porém, pela qual se atirou, com um suspiro no peito, correndo por ela indistintamente. Ela correu – correu – correu – recostou-se em uma árvore para chorar e recuperar o ar, mas seu choro não cessava – e soluçou, sentindo a necessidade de voltar a correr, para que tivesse um propósito, para não desistir de respirar. Pois correu – e correu – e viu ao longe um muro de grades de ferro, em cuja direção ela correu. Parou um pouco antes de chegar ao muro; afinal, era a princípio um muro qualquer. Dentro dele, contudo, havia crianças – várias, de várias cores, de vários cabelos, de várias brincadeiras, de várias felicidades. Mas havia uma criança – um menino que, aparentemente, não estava feliz; parecia confuso, dentro do seu



macacão marrom, sob o qual se via uma branca camisa de botão. Estava confuso aquele que era seu filho e que agora era cuidado pela senhora de cabelos cinza, com quem conversava, provavelmente perguntando: “Onde está a minha mãe?”

Ele não sabia – nem a sua mãe queria acreditar, pois isso lhe parecia um devaneio em agonia –, mas ela estava do outro lado do muro que o cercava, chorando por ele, por talvez nunca mais vê-lo, por talvez não mais abraçá-lo. Tão chorando que estava, lutou contra a vontade de fechar seus olhos, para ver seu filho enquanto conversava com aquela que agora o acolheria. E a mãe viu mais; viu mais do que imaginaria ver; viu um pouco do que apenas sentia mas não podia ver. Ela viu se formar uma ponte entre os olhos do menino e da senhora. Decerto, sutil – pois no rosto de seu filho não havia um brilho tão grande quanto a felicidade que emanava dele ao olhar para sua mãe. De toda forma, havia um brilho; e era suficiente, pois no rosto da senhora também havia.

Assim, a mãe se permitiu fechar os olhos e se envolver em sombras, que se materializaram e se fizeram cama para ela, pondo-a para dormir.

Dormiu. Em certa paz.

### *Interlúdio*

Após o seu tempo, houve, assim, um intertempo; houve voltas e voltas e dias que se transmutavam em noites e noites que renasciam dias; houve pessoas e lugares construídos e destroços e ruínas; houve tudo quanto nunca pode haver; houve planos destruídos – e outros que se reformulavam; houve as luzes, sem as quais não há sombras, que portanto também passaram; houve elas e eles e filhos e senhoras e orfanatos e todos; e houve o tempo.

### *Capítulo II*



Ela era jovem; seus longos cabelos castanhos, fortemente ondulados, escorriam até o cinto branco que cercava sua calça jeans escura. Ela era jovem e queria terminar a graduação; via-se alguém, num mundo onde ser alguém é mais facilmente alcançado – ou obrigatoriamente talvez – quando se é graduado. E queria ser mãe. Queria, pois assim lhe dizia seu coração; pouco lhe importava se era ou não o que esperavam dela – havia os que não esperavam que ela se graduasse; havia os que não previam sua independência; havia os que só a reconheceriam mulher se fosse mãe e dona de casa – mas ela queria ser mãe simplesmente porque queria, e que o mundo explodisse, se ela não pudesse ser!

Certamente, como também achavam os seus pais, tudo fluiria melhor se ela pudesse ser mãe depois da faculdade, pois escutaria menos reclamações. Não foi o que houve, no entanto; mas ela já trabalhava – e trabalhava, assim, na luta pela aquisição de uma de suas forças: a financeira, pois a moral já lhe batia forte no peito e forte era exalada dos seus olhos.

A jovem de cabelos longos e castanhos pôde encontrar, aqui e ali, homens que a agradassem – dos diálogos aos sexos. Contudo, é relativamente fácil inovar no sexo; não nos diálogos, se não houver uma essência crítica.

Isso a cansava; e ela expulsava quem o fizesse.

Entre esses homens, porém, ela sonhava; sonhava com a sua plenitude de ser no mundo; sonhava com a expansão de tudo quanto era; sonhava com reconhecer-se fora de si mesma; e via um menino – ele, de olhos apaixonados e cabelos castanhos, como os dela. Entre eles, havia um mundo que era deles – e apenas; e não era visível, mas de uma extremidade chegava-se à outra, em um fluxo de história, conhecimento, confiança e aquilo a que se tem chamado de amor, mas que nele não se esgota.

Dos sonhos se acorda, entretanto – ao menos, é o que manda a sociedade àqueles que querem ser. E ela acordava, pois queria, ou sentia que precisava.

Mas certa vez chegou um homem cuja conversa – como tantas outras – lhe interessou, da mesma forma que lhe fez seu sexo, em parceria. Esse homem, porém, se contrastou dos demais porque ela e ele fizeram juntos, numa noite-que-fosse, num lugar-qual-era, num colchão-qual-sobrou – ela e ele fizeram um filho; e se casaram – ela e seu filho caminharam juntos, ele protegido (e em segredo) pelo manto branco que a protegia.

Antes de o bebê nascer, ela e o esposo, confiando um no outro, e um ao outro se amando, foram morar juntos. Montaram um lar, pouco a pouco, conforme ela, havia algum tempo já graduada, buscava se estabelecer, e seu esposo se assentava em algum novo emprego.

Ela continuava sonhando em ser plena – seus sonhos se intensificavam, quanto mais sua plenitude pulsava de sua barriga. Havia ansiedade no incômodo pulsante, sem dúvida, pois a força de mãe se alimentava de todo o processo.

E mãe ela pôde ser, quando certo dia um bebê, menino, de cabelos (quantos!) castanhos, decidiu, conturbadamente, pulsar tanto que fez o mundo ver o seu rosto. Ao seu redor – que logo passou a ser o redor de sua mãe –, muitos choraram, por verem entre aquela mãe e aquele filho (ou entre seus olhos, mais precisamente) um olhar apaixonado e mantido entre uma ponte de afeto que só é real quando se transcende. Pouco a pouco, ela e ele – mãe e filho – confidentes e amados – transcendiam juntos e significavam seus próprios mundos.

Nos anos que se passaram, a mãe e o filho se amaram, brincaram, escreveram e, conforme possível, criaram processos que requeriam novos verbos para designá-los; mas a mãe e o pai não o fizeram. Nos anos que se passaram, houve dor – para ela e para o filho, ainda que, reconhecidas as perspectivas, também tivesse havido para o pai; nesses anos houve gritos – houve copos quebrados – e barulhos na parede – e portas de correr que saíam dos trilhos – e caixas de som jogadas no chão – facas atiradas sem querer mas que machucam o coração da criança – e uma senhora, talvez vó, talvez amiga, talvez além, que costumava chegava em socorro. Ela, tão amada pela criança, de cujo pai era mãe, tinha seus cabelos cinza claro e curtos, sobre dois olhos negros. Tantas vezes ela socorreu seu neto; mas casamentos dissolvidos em brutalidades não se socorrem tão facilmente – como não se diluem memórias que perduram por fios de dor.

Anos, quiçá mais do que se entenderia necessário, se passaram desde a noite em que a plenitude da jovem mãe de cabelos castanhos se começou a formar em seu ventre até o dia do fim efetivo do casamento, havia tanto já desfeito.

O pai se mudou; a mãe e o filho permaneceram, como também o fez a ponte entre os seus olhos.

Desse momento em diante, a história tem se feito, conforme se refazem os seus personagens: dentre eles, há o que não se apaga; há o que se reconstrói; há o que nasce; há o que se perdoa; há o que se tenta; há tudo quanto necessário. Talvez em melhores palavras, na história tem havido paz.

Paz maior, no entanto, há entre os olhares que trocam a mãe e o filho, que ainda se olham apaixonadamente. Não é raro, olham-se no espelho e se reconhecem confidentes. Inusitada, porém, foi uma vez quando diante do espelho estavam a mãe, o filho e a avó, que nunca os deixou. O filho ao centro, segurando as mãos das mulheres que o protegiam.

E sobre o resto não há quem tenha autoridade.

Do outro lado do espelho, havia três figuras de frente para a mãe: havia uma jovem de cabelos negros e ondulados que escorriam até o cinto branco que circundava o seu vestido preto; havia um garoto de cabelos negros, macacão marrom e uma branca camisa de botões; havia uma senhora de cabelos cinza, olhos negros, bastante idosa mas repleta de vida; havia esses três, que se entrelaçavam pelas mãos.

Todos os olhos cruzando o espelho, a jovem sorriu para a mãe; o menino sorriu para o filho; a senhora, para a avó. Suas mãos se seguraram mais fortes – tão mais fortes quanto mais amor pulsou. E, desfazendo-se o espelho, todos eles transcenderam, acompanhados por quem os abandonara num ou noutro momento – pois na transcendência precisa haver paz.

Todos transcenderam, e restou apenas esta história, legado de uma família.